

## **ESPAÇOS CULTURAIS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE: REFLEXÕES E VIVÊNCIAS**

*Rosi Cristina da Silva (UTAD)*

### **ABSTRACT**

The present work aims to describe a field experience in a qualitative approach research carried out in the cultural spaces of the Casa Grande Foundation – Memorial do Homem do Cariri, in Nova Olinda, municipality of the state of Ceará, semi-arid sertanejo in the Northeast of Brazil. The text brings reflections that highlight the importance of the interaction between the researcher and the researched, by the daily life of children and young people in the cultural and training spaces of this third sector organization. This experience is a part of the empirical trajectory of the researcher-author during her PhD in Cultural Sciences, at the Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal.

Keywords: Place of Memory; Culture; Local Development; Field work.

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva descrever uma vivência de campo em pesquisa de abordagem qualitativa, realizada nos espaços culturais da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem do Cariri, semiárido sertanejo do Nordeste do Brasil. O texto traz reflexões que evidenciam a importância da interação do pesquisador e o pesquisado, ao permitir conhecer o cotidiano das crianças e jovens nos espaços culturais e formativos da organização do terceiro setor. Essa vivência é um recorte da trajetória empírica da pesquisadora-autora durante o Doutorado em Ciências da Cultura, realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal.

Palavras-chave: Lugar de Memória; Cultura; Desenvolvimento Local; Trabalho de Campo.

Recebido em 15 de junho de 2022.

Aceite em 30 de junho de 2022.

## **Introdução**

A Fundação Casa Grande–Memorial do Homem do Cariri desempenha um papel muito importante para o desenvolvimento regional, sustentável e humano em Nova Olinda, município do estado do Ceará, Brasil. Neste sentido ela apresenta-se como um espaço de tradição e práticas culturais, um “lugar de memória”, originalmente constituído pelo marco histórico dos Índios Cariris, situado na Chapada do Araripe, hoje ressignificado pelo convívio de crianças e jovens onde se configuram trocas sociais e culturais.

No contexto de instituição do terceiro setor, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri é uma organização não-governamental (ONG) brasileira, sem fins lucrativos, que concentra todo o fazer institucional na prática de gestão cultural com relevância na formação social e cultural de crianças e jovens. Assim, dispõe de um estatuto, do registro no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Nova Olinda, e organograma institucional, onde está representada uma hierarquia com a assembleia de sócios fundadores, constituída por uma diretoria, um conselho fiscal composto por três integrantes jovens, e um conselho cultural composto por cinco integrantes jovens, assim como um conselho científico.

Para entender o caráter jurídico da organização não-governamental, no Brasil, o termo “ONG” foi criado pela ONU na década de 40, dado pela sua estrutura jurídica público-comunitário não estatal, e a que muitos autores se referem como “terceiro setor” da economia. Na definição de Ilse Sherer-Warren (1998: 195), as organizações não-governamentais são:

Organizações formais, privadas, porém com fins públicos e sem fins lucrativos, autogovernadas e com participação de parte de seus membros como voluntários, objetivando realizar mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de serviços e apoio material e logístico para populações-alvos específicas ou para segmentos da sociedade civil, tendo em vista expandir o poder de participação destas com o objetivo último de desencadear transformações sociais ao nível micro (do cotidiano e/ou local) ou ao nível macro (sistêmico e/ou global) (1999: 195).

Na trajetória do surgimento da Fundação Casa Grande perpassa a historiografia Cearense entre o século XVII e início do século XVIII, pelos caminhos das boiadas, os latifúndios se expandiram no Nordeste, altura em que surgiu o ciclo do couro. Nesse sentido é preciso considerar que, na região

do Cariri, o ciclo do couro faz parte da cultura da família dos Kariu-Kariri, e foi nessa travessia que surgiu uma Tapera – a atual Casa Grande – sem as paredes laterais, o rancho que abrigava os vaqueiros de suas boiadas. Diante desse marco histórico, pode-se afirmar que a Fundação Casa Grande – Memorial Homem do Cariri foi o primeiro Ponto de Cultura<sup>1</sup> da Região do Ceará voltada para a preservação da memória. Já esteve inserida na categoria Pontão de Cultura<sup>2</sup>, programa do Ministério da Cultura (Minc); assim a Casa Grande funcionava num único ponto onde se concentravam vários intercâmbios, cujo objetivo estava voltado ao repasse das tecnologias de gestão cultural, disseminando a experiência de formação dos jovens gestores culturais para outras instituições do Nordeste.

Na visão de Takeshy Tachizawa, a gestão estratégica aplicada às ONG integram elementos focados na captação de recursos, parcerias, convênios com governo e instituições financeiras. Tachizawa define a captação de recursos como “uma busca de recursos (não exclusivos, mas predominantemente financeiros) como forma de atingir a missão de uma entidade, implementando programas e projetos de organizações do Terceiro Setor. Conjunto de técnicas destinadas a organizar e a potencializar a busca de recursos” (Tachizawa 2004:303).

Ao longo da sua existência, A Fundação Casa Grande traz uma experiência bem sucedida em gestão cultural, conta com um centro cultural, uma escola de comunicação e laboratórios de convivência social, que teve como principais idealizadores, o fundador e presidente Francisco Aemberg de Souza Lima, músico e pesquisador cultural, e sua esposa Rosiane Limaverde (In memoriam), arqueóloga, co-fundadora e presidente do conselho científico.

Na encosta da Serra do Araripe foi construída a casa de estilo colonial, no século XVIII, por volta de 1717, pelos primeiros colonizadores, índios Cariri, que chegaram ao sertão de Inhumuns pelo Rio Jaguaribe, hoje sede da ONG na cidade de Nova Olinda.

A Casa Grande, considerada a primeira casa de fazenda da região, que deu origem à cidade, foi onde morou a família Filgueiras, de Barbalha, município da região do Cariri. Porém, nos anos seguintes a casa foi vendida

---

<sup>1</sup> <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/apresentacao>

<sup>2</sup> Os Pontões de Cultura são entidades de natureza e finalidade cultural que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes Pontos de Cultura. Podem agrupar-se em nível estadual e/ou regional ou por áreas temáticas de interesse comum. Fonte: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/pontao>

por dois contos de reis ao Senhor Neco Trajano, comerciante de rapadura, casado com a viúva Senhora Santana, com quem teve cinco filhos. Logo após a morte do comerciante, em 1933, a família ainda permaneceu, mas a casa foi abandonada na década de 70. A edificação, primeira casa da Fazenda Tapera de Neco Trajano, avô de Alemberg Quindins, foi restaurada e funciona como a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem do Cariri, fundada em 1992 pelo casal Alemberg Quindim e Rosiane Lima Verde.

## **1. Um olhar sobre a Pesquisa**

Na trajetória empírica, a experiência vivenciada durante o trabalho de campo é o que nutre a pesquisa, entendendo-se que são utilizados métodos e técnicas para coleta de dados; neste estudo optou-se pela observação participante do tipo etnográfico com registros no diário de campo.

Nesse contexto, o olhar “movimento interno do ser que se põe em busca de informações e de significações” (Bosi 2006: 66) mostra o convívio de crianças, jovens formadores e familiares na Casa Grande, e ao mesmo tempo identifica e analisa como acontece a apropriação da cultura local na perspectiva da formação educativa desses gestores culturais, por meio dos programas de memória, comunicação, artes e cultura. Esta imersão vivida no lugar, possibilitou o lançamento de um novo olhar sobre as questões norteadoras deste estudo. Dessa forma, Alfredo Bosi explica que

Esse novo olhar é o que, desde sempre, exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela quanto no outro lado, com o qual o sujeito entrevem uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é o mais prenhe de significação (2006: 77).

Adentramos as portas do lugar, pelas paisagens da perimetral sul do Ceará (foto 1) até à cidade de Nova Olinda, para lançar um olhar fenomenológico na pesquisa. No cenário seguinte, um novo caminho a ser trilhado, para se chegar à casa azul, no Memorial do Homem do Cariri (Foto 2). A pesquisa efetuada começa a seguir o caminho antropológico, o trabalho de visitar um passado coletivo nos espaços culturais da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem do Cariri.



Foto 1 – Avenida Perimetral Sul. Ceará, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Foto 2 – Fundação Casa Grande, fachada principal.

Nova Olinda, Ceará, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Desde o início da pesquisa de campo, em todas as viagens a Nova Olinda, logo após a chegada ao aeroporto de Juazeiro, havia um jovem responsável pela Agência de Turismo Comunitário que operacionalizava o receptivo, e direcionava a estada para as pousadas familiares. A hospedagem familiar é definida como uma residência em que o visitante se hospeda, participa do convívio direto, compartilha das mesmas refeições e do modo de vida da família, e com isso tem a oportunidade de conhecer os valores

característicos da comunidade local.

Assim, procurou-se selecionar uma pousada em que a família apresentasse jovens e crianças com o perfil delimitado na amostra da pesquisa, para a coleta de dados desse estudo. Diante disso, houve uma alteração no percurso por não ser possível conduzir a pesquisa dessa forma, porque existe um critério de rodízio para que todas as casas sejam contempladas na geração de renda complementar nesse segmento do turismo comunitário.

Ao chegar à pousada domiciliar, o acolhimento foi realizado pela mãe responsável pela pousada, que apresentou as regras de funcionamento, e acompanhou até ao dormitório localizado na área externa da casa, com fachada colorida, porta e janela frontal, em madeira, que recria o universo simbólico das casas do sertão. Destaca-se que em algumas casas a estadia acontece também nas dependências internas, forma inicial do acolhimento de hóspedes antes da construção das pousadas na parte externa da residência. O mobiliário, em sua maioria, está padronizado e é composto por dois beliches, jogos de cama e banho com a logomarca da Casa Grande, ventilador, frigobar, TV, vídeo e aparelho de som, e uma prateleira com folders, revistas em quadrinhos, Dvds, publicadas pela Editora Casa Grande.

Inicialmente, somavam um total de quatro casas tidas como hospedagem domiciliar, mas em 2002 com a criação da Coopagran<sup>1</sup>, foram construídas as pousadas e atualmente somam um total de dez casas cadastradas na área urbana, sem incluir as que também providenciam hospedagem na área rural. Para ter acesso à hospedagem, o critério inicial é deixar a solicitação com os dados pessoais na página da Web da Agência de Turismo.

## **2. A Construção de Imagens Fotográficas**

Neste estudo destaca-se o registro de imagens para ampliar o olhar e buscar informações, apropriações e ressignificações a partir das lentes de uma câmera fotográfica. Sendo assim, os documentos fotográficos colaboraram para registrar o conteúdo vivenciado, os dados de interesse no estudo e a estrutura das narrativas. As fotografias são mais que uma imagem congelada, pois revelam aspectos e contribuem com as nossas capacidades de olhar a

---

<sup>1</sup> Cooperativa Mista dos Pais e Amigos da Casa Grande é formada pelos pais dos meninos e meninas que fazem a Fundação Casa Grande, No período de produz e comercializa suvenires e artesanatos, além de gerenciar o receptivo turístico através da lojinha, cantina, bodeguinha, pousadas domiciliares e serviço de transporte. Atualmente, as atividades da antiga Coopagran foram repassadas para a Agência de Turismo Comunitário, empresa administrada por um jovem empreendedor participante da Fundação Casa Grande.



partir de vários pontos de vista. Os registros fotográficos trazem fragmentos registrados a partir do conteúdo vivenciado, e segundo Boris Kossoy são

fragmentos da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade (2001: 155-156).

Referindo-se à fotografia como uma extensão de nossa capacidade de ver, como refere Milton Guran, a sua função é “destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam as suas experiências e mantêm relações entre si” (2002:103).

A construção de imagens na pesquisa de campo desencadeia conversas e potencializa a convivência da pesquisadora com os pesquisados (Foto 3). A recolha de dados mediante participação da pesquisadora nas rodas de conversas, seguidas de entrevistas semiestruturadas individualizadas, permitiu observar, registrar e analisar a relação das crianças e jovens gestoras dos espaços culturais com seus mestres, no caso os idealizadores da Casa Grande.



Foto 3 – Pesquisadora fotografando os espaços culturais da FCG. Nova Olinda, Ceará, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Neste sentido, Silvia Caiuby Novaes destaca a importância dessa construção de visibilidades na pesquisa de campo por meio de registros fotográficos, e explica que “as fotografias são neste sentido estratégicas: o tema “não cai do céu”, ele é motivado pelas fotos, que permitem ao pesquisador introduzir questões, esclarecer dúvidas, colher ricos depoimentos, acompanhar as discussões que as fotos suscitam entre as pessoas” (2012: 17).

Salientando a importância do conteúdo fotográfico para a construção da pesquisa, Boris Kossoy afirma que

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado, ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. Monumentos históricos, vestuários, poses e aparências dos personagens estão ali esperando interpretações (2001:101).

### **3. Espaços Culturais da Casa Grande – Vivência no cotidiano**

Para compreender o processo das dimensões formativo-culturais nas linhas de atuação da Fundação Casa Grande, que abrange quatro programas: educação infantil, empreendedorismo juvenil, geração de renda e sustentabilidade institucional, analisou-se os projetos integrantes dos laboratórios de produção (Memorial, TV, Radio, Editora e Teatro) e de conteúdo (Biblioteca, Gibiteca e Dvdteca).

Nesse contexto, todos realizam ações nos setores criativos da cultura, da arte, da memória, da comunicação, da educação e do turismo. Dentro da estrutura dos quatro eixos estratégicos, a Fundação contribui para o fortalecimento do capital humano e institucional, e para o fomento das cadeias produtivas de desenvolvimento territorial.

Assim, pelos legados de memórias e significações movimentados pelos discursos referentes à arte e à cultura, a Fundação Casa Grande, no que tange a um “lugar do sentido inscrito e simbolizado” segundo Marc Augé (2011: 76), é constituído por espaços culturais identitários reveladores de crenças, costumes, definidos pelo autor como “lugar antropológico” identificado como “àquela construção simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem se designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja” (Augé 2011:51).

O percurso inicial da trilha pelos lugares de memória, aqui referido



como os espaços culturais, foi a Casa-museu, nomeada Memorial do Homem do Cariri. O projeto museológico desse espaço cultural iniciou-se a partir da recolha de objetos de valor histórico e arqueológico pelos idealizadores da Organização não governamental, que resgatam e preservam as práticas, as manifestações e objetos culturais do vale do Cariri, e funciona como um laboratório de produção, onde os materiais arqueológicos reconstituem a memória coletiva dos indivíduos ali representados através da construção de tradições locais transmitidas nas lendas e mitos, inseridos e agrupados nos circuitos expositivos em seis salas que fazem alusão aos antigos moradores da casa, através de um retrato emoldurado exposto na parede de cada área.

A casa permite ao visitante "mergulhar" nos antigos costumes da região, onde a sala principal "Coração de Jesus" (Foto 4), é dedicada à Sagrada Família e aos santos de quem os moradores eram devotos, e os protetores de seus habitantes. Ainda neste espaço, a foto de Alemberg e Rosiane, ainda crianças, resgata o costume de sempre haver na parede a imagem dos donos da casa. A escultura do índio Karius, o presente da cabocla que contava lendas para Alemberg, é objeto de destaque no centro da casa, num nicho de vidro.



Foto 4 – Sala principal “Coração de Jesus”  
Nova Olinda, Ceará, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nos demais lugares do circuito do memorial estão a “Sala da Etnia” que mostra imagens de crianças indígenas, uma máscara usada em rituais indígenas, e textos informativos sobre a cultura dos índios Karri-Karriu, a sala “Mitos e Lendas” onde estão as fotografias dos lugares considerados

sagrados com os seus respectivos mitos e lendas, uma tradição oral de contar histórias repassadas de geração para geração, expressas com o propósito do resgate da memória local e história social. Ainda no mesmo espaço, destaca-se ao centro uma “igaçaba”, uma urna funerária que os índios utilizavam para armazenar ossadas humanas. Na sala “Artes Rupestres”, ao centro, encontra-se uma tigela cerâmica que era utilizada para cozinhar e armazenar mantimentos, e ainda muitos registros fotográficos das pinturas rupestres feitas nas rochas, que resgatam a arte primitiva realizada pelos índios e por outros povos que habitavam a região da Chapada do Araripe. Na sala da “Arte Cerâmica”, ao centro, está uma tigela cerâmica pintada com uma ferramenta rústica, o espinho de mandacaru, e ainda os primeiros cachimbos usados pelos povos indígenas, muitas vezes como peça religiosa em seus rituais. Na sala “Acervo Lítico” resgata-se a arte de polir as pedras para obter utensílios de uso doméstico, evidenciando-se os formatos mão de pilão para uso doméstico, e as machadinhas para uso ritualístico.

O memorial pode ser vislumbrado pelos visitantes pesquisadores, artistas, escolas da região, e turistas de todas as regiões do Brasil, e até de outros países. A participação da pesquisadora foi no decorrer do acompanhamento às visitas guiadas por recepcionistas mirins, meninos e meninas da Casa Grande que se apropriaram dos saberes regionais e narram a história advinda de seus antepassados, no decorrer do percurso pelos circuitos dispostos na casa.

O Memorial do Homem do Cariri é gerenciado por uma criança com 11 anos, e dispõe de crianças recepcionistas com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. O espaço congrega elementos da cultura local e achados arqueológicos, e a vivência da pesquisadora no espaço permitiu a imersão na cultura local da região, ressaltando-se a participação das crianças como peça fundamental na prática da cidadania e na formação educacional, e ainda a geração de renda com o turismo social de base comunitária.

Nesse campo de atuação da ONG, como indutora da prática de ações culturais que contribuem para a educação técnica e profissionalizante de crianças e jovens, dentre os conteúdos destaca-se a importância das dimensões formativas culturais como fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, postura crítica e criativa.

Nas práticas educativas voltadas para a preservação e valorização do patrimônio cultural local, a educação patrimonial constitui-se como processo educativo e um dos eixos temáticos e norteadores da Fundação Casa Grande é a implementação de projetos voltados para a área de patrimônio

cultural imaterial e material, sendo que nesse último as atividades são para crianças e jovens, vinculando a formação e a pesquisa em aulas de campo nos sítios arqueológicos e mitológicos da região do Cariri, inserindo iniciativas de identificação dos bens culturais e, concomitantemente, contribuindo para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

No decorrer das entrevistas feitas durante o desenvolvimento do Projeto e visitas de campo, foi referido o Projeto Encantados, iniciado no ano de 2015, que tem como público alvo os estudantes da região Cariri Cearense e estados vizinhos. No “Encantados”, destaca-se a arte como instrumento de educação que transforma o memorial num laboratório de produção, arte e conhecimento, onde os visitantes são convidados a participar das oficinas de arte educativas com aulas de contação de histórias, confecção de bonecos e brinquedos, perna de pau, e escavações arqueológicas.

O segundo percurso trilhado foi o Teatro Violeta Arraes – Engenheiros das Artes Cênicas, acompanhando os guias mirins, numa visita para assistir a apresentação de uma bandinha de latas com crianças integrantes da Fundação Casa Grande. O Teatro Violeta Arraes – Engenheiros das Artes Cênicas foi inaugurado em 19 de dezembro de 2002, com capacidade para 180 pessoas, com apoio do Governo do estado do Ceará, um espaço cultural onde são realizadas atividades de formação no âmbito das artes.

A difusão da arte e da cultura no Teatro Violeta Arraes – Engenheiros das Artes Cênicas faz-se a partir do laboratório de conteúdo, um programa voltado para criar atividades musicais como ferramenta educativa, levando ao surgimento da bandinha de Latas intitulada “Os cabinha”. Os integrantes que formam esta Banda já estão na quinta geração e, inicialmente, as atividades foram programadas com o intuito de incentivar as crianças a tornarem-se músicos. Os instrumentos musicais utilizados pela referida banda são artesanais, confeccionados a partir de materiais de sucata. Assim, motivados para a divulgação da Banda, foi produzido um videoclipe, e uma agenda com uma sequência de viagens para apresentações musicais na Europa.

No percurso da vivência, a terceira trilha foi para analisar como funciona o laboratório de comunicação, a emissora Casa Grande FM, um projeto iniciado pela Fundação Casa Grande desde dezembro de 1992. A vivência aconteceu na participação no programa Submarino Amarelo, direcionado para as crianças, com músicas infantis, estórias, e diálogos. O programa tem a locução de uma criança da Casa Grande que faz ao vivo o roteiro do programa, de forma improvisada, com muita criatividade, conversando como se já conhecesse o cotidiano dos ouvintes, contando histórias e lendas

locais. Nesse diálogo composto de improvisos, as crianças atuam como atores dessa produção de conhecimento na rádio e se apropriam de um processo de formação de comunicadores populares, para incentivar a participação de outras crianças e estimular a cultura e o lazer na comunidade local.

A Casa Grande FM traz elementos mais característicos de uma rádio educativa do que exatamente de uma rádio comunitária. O estilo das músicas tocadas no programa tem o objetivo de educar os ouvintes, e com isso não acompanha a indústria fonográfica da atualidade. Nesse sentido, a radiodifusão educativa é conceituada por Maria Eugenia Fontecilla como “meio de desenvolver a participação, a organização comunitária etc, dentro de uma nova perspectiva qual seja a de que o futuro da educação está profundamente unido ao futuro social de um povo” (1983: 9).

No decorrer das vivências nos espaços culturais, foi identificado um espaço lúdico frequentado pelas crianças e jovens, o “Parque Vei Leonso”. Entre o cumprimento das atividades da Casa Grande, as crianças também tinham um horário lúdico, e brincavam no parque. Assim, buscando compreender os sentidos atribuídos pelas crianças às brincadeiras no parque, vivenciou-se os momentos das brincadeiras, observando a espontaneidade e a criatividade inerentes ao universo infantil.

### **Considerações Finais**

Assim, há que se refletir que “vivência é o processo de viver; é coisa que se experimentou vivendo, (...) é experiência, prática; é aquilo que se viveu” (Houaiss 2009). E todas essas vivências nas trilhas da trajetória empírica nos trabalhos de campo aproximaram a pesquisadora – objeto de pesquisa para uma troca de saberes. No contexto, o desafio foi lançar um olhar sobre a pesquisa a partir de novas percepções, tendo em vista que os laboratórios culturais eram gerenciados por crianças.

As brincadeiras no parque são registros de momentos atrativos para as crianças da Casa Grande, que por se caracterizar como um lugar de memória coletiva, afirma o resgate de lembranças de várias gerações que a partir das brincadeiras no parquinho se apropriaram das atividades dos espaços culturais e começaram a frequentar a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem do Cariri. Dessa forma, o ato de brincar na infância favorece o desenvolvimento das habilidades e oportuniza interações entre as crianças, como afirma Angela Nunes:

as brincadeiras, no decorrer do período que corresponde a Infância, oferecem às crianças alguns dos pontos de referência cruciais para a percepção das dimensões espaciais e temporais nas quais seu cotidiano acontece. Uma vez incorporados, esses pontos de referência tornam-se conhecimento, tanto de domínio individual como de domínio coletivo, conhecimento este que a acompanhara ao longo de toda sua vida (Nunes 2002: 236).

Nessa dimensão de pertencimento a um grupo cultural com as mesmas características identitárias e da construção dos saberes pelo ato de brincar, evidencia-se que a iniciação da criança na Casa Grande por esse espaço lúdico, o “Parque Vei Leonso”, é uma forma de incentivo para as mesmas se apropriarem dos demais espaços culturais e atividades proporcionadas pela ONG.

Ao apropriarem-se das atividades culturais, “os meninos e meninas da Casa Grande”, como são chamados na ONG, vivenciam o cuidar de si passando pela experiência repassada pelos seus mestres, idealizadores da ONG. Parafraseando Foucault (2004:73), o cuidar de si tem sempre a necessidade de passar pela presença do mestre, que ensinou a importância da relação com o outro. Assim, o empoderamento através das atividades culturais, permite o fortalecimento da autoestima dessas crianças para seguirem carreiras que se assemelham e enquadram nas áreas vivenciadas na Casa Grande, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores

## **Referências Bibliográficas**

- Augé, Marc. 2012. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. 9.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Papirus.
- Bhabha, Homi K. 2010. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Bosi, Alfredo. 2006. “Fenomenologia do olhar”. In: A. Novaes (Org.), *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. 2004, *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fontecilla, Maria Eugenia. 1983. *Rádio Educativo: um Guia para Programadores*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional.
- Guran, Milton. 2002. *Linguagem Fotográfica e Informação*. 2.<sup>a</sup> Edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- Halbwachs, Maurice. 1990. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Houaiss, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Internet Disponível em: [www.houaiss.uol.com.br/busca](http://www.houaiss.uol.com.br/busca). (Acesso em 2022-05-24).
- Kossoy, Boris. 2001. *Fotografia e História*. 2.<sup>a</sup> ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial.

Nora, Pierre. 1993. “Entre Memória e história: o problema dos lugares”. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo: Puc/Educ, nº 10: 7-28. Internet. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> (Acesso em 2022-06-23).

Novaes, Sylvia Caiuby. 2012. “A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia”. In: *Iluminuras*, Porto alegre, v.13, n.31: 11-29, jul./dez. Internet. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/36791/23802> (Acesso em 2022-06-23).

Scherer-Warren, Ilse. 1999. *Cidadania sem Fronteiras: Ações Coletivas na Era da Globalização*. São Paulo: Hucitec

Tachizawa, Takeshy. 2012. *Organizações não Governamentais e Terceiro Setor: Criação de ONGs e Estratégias de Atuação*. 4.ª ed.). São Paulo: Atlas.

Yúdice, George. 2006. *A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura na Era Global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.